

O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL (CAI) DA AVICULTURA

Carlos Nayro Coelho⁽¹⁾
Marisa Borges⁽²⁾

1. Introdução

A avicultura é um dos componentes mais importantes do "agribusiness" mundial e nacional. Como se sabe, "agribusiness" ou agronegócios envolve a produção agrícola propriamente dita, as atividades ligadas no suporte à produção, conhecidas como "backward linkages" (ligações para trás), e as relacionadas com o processo agroindustrial e de suporte ao fluxo de produtos até a mesa do consumidor final, conhecidas como "forward linkages" (ligações para a frente).

No suporte à produção vinculam-se ao setor agrícola as indústrias de fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos agrícolas, financiamentos (crédito rural para investimento e custeio), pesquisa agropecuária e os transportes desses insumos. Na fase de distribuição e processamento vinculam-se os transportadores dos produtos agrícolas, o processamento, a avicultura, a suinocultura, os agentes financeiros que apoiam a comercialização, os armazenadores e o comércio (atacado e varejo), neste último encaixando-se inclusive o importante subsetor de alimentação comercial (restaurantes, lanchonetes, bares etc.).

Este conceito de agribusiness tem implicações profundas na organização econômica das nações, particularmente do Brasil, pois mostra a dimensão estratégica da agricultura. Dentro desse conceito o setor agrícola não é

visto como uma atividade estanque, cujo valor adicionado representa apenas uma pequena parcela do Produto Interno Bruto (PIB), que decresce com o desenvolvimento econômico.

Nele, o setor agrícola é visto como o centro dinâmico de um conjunto de atividades que presentemente representa mais de 40% do PIB (cerca de US\$ 321,2 bilhões) e é responsável pelo emprego de 52% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil (mais de 36,4 milhões de pessoas).

O desenvolvimento da avicultura pode ser considerado como a síntese e o símbolo do crescimento e modernização do agronegócio no Brasil. Isso porque a atividade avícola reúne em sua estrutura funcional os três elementos mais importantes no cálculo econômico do capitalismo em sua configuração atual: tecnologia de ponta, eficiência na produção e diversificação no consumo.

O objetivo central desse trabalho é analisar os aspectos mais relevantes do complexo agroindustrial (CAI) da avicultura brasileira, e suas inter-relações com o mercado internacional de carne de frango e verificar, dentro de parâmetros bastante simples e objetivos, as perspectivas de curto e médio prazos do setor, tanto no mercado doméstico como no internacional.

2. O Desenvolvimento da Avicultura

Embora tenha sido iniciada na década de trinta, produção avícola em

escala industrial, tal como existe hoje, iniciou-se praticamente na década de cinquenta, com o surgimento de várias inovações tecnológicas na área biológica e sanitária. Antes, a criação de aves restringia-se à criação de fundo de quintal, com baixos índices de produtividade, basicamente para autoconsumo. Os pequenos excedentes eram vendidos abatidos ou vivos nas feiras ou mercados centrais das cidades.

Com a superação de alguns impasses de natureza sanitária que impediam a criação em grandes aglomerações, é que a atividade começou a despertar o interesse de grandes empresas, que por seu turno, passaram a investir pesadamente em pesquisa biológica para reduzir o ciclo produtivo e a relação "input/output".

Nos últimos setenta anos, a idade de abate do frango caiu de mais de 100 dias para menos de 40 dias e o peso de abate aumentou de 1,5 kg para 2,4 kg (cerca de 60%). Esses avanços foram obtidos através dos avanços genéticos na obtenção de híbridos, na sanidade com o uso de vacinas, na nutrição com o aperfeiçoamento e redução dos custos das rações e na criação de um meio ambiente favorável ao crescimento das aves, por meio da instalação de equipamentos desenhados especificamente para atender às novas exigências da produção em larga escala.

Resumidamente, os principais marcos na evolução tecnológica da avicultura são os seguintes:

Quadro I
Evolução Tecnológica da Avicultura

Década	Natureza	Evento
1950-1960	Genética	Cruzamentos/Híbridos
1960-1970	Sanitária	Higiene/Profissionais/Vacinas
1970-1980	Nutrição	Programação Linear
1980-1990	Manejo	Instalações e Equipamentos
1990-2000	Meio Ambiente	Controle e Climatização
2000-2010	Marketing	Qualidade/Diferenciação

Fonte: Schorr, Hélio, 1999.

(1) PhD em Economia pela Universidade de Missouri-Columbia e Pesquisador da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e do Abastecimento.
(2) Economista, Assessora do Secretário Executivo do Ministério da Agricultura e do Abastecimento.

O quadro I mostra que, até o final da atual década, a aplicação de tecnologias ocorreu no sentido de melhorar a eficiência na atividade produtiva, já que o produto final para consumo era essencialmente homogêneo, e o principal atrativo era o preço.

Com a sofisticação do consumo de alimentos em nível global, provocado pelo aumento da renda per capita e pela mudança nas preferências e nos hábitos dos consumidores, a tendência, já observada no final da atual década, é que o foco da tecnologia passe para a esfera comercial, com a aplicação cada vez maior de técnicas de diferenciação de produtos (basicamente "marketing" e "merchandising") na colocação de produtos com maior valor agregado, prontos para consumo, de acordo com as exigências de cada faixa do mercado.

Nos últimos vinte anos a produção mundial de carnes praticamente duplicou, passando de, aproximadamente, 90 milhões de toneladas em 1978 para mais de 170 milhões de toneladas em 1998, graças ao desempenho da produção de carne de frango, em menor escala da carne suína, que é a mais consumida no mundo.

Na década de noventa, entre 1990 e 1998, a produção mundial de carnes cresceu 20,2%, e a carne de frango continuou apresentando o melhor desempenho, com 45,4% de aumento, seguido da carne suína, com 29,0%. Nesse período, a produção de carne bovina apresentou uma tendência ligeiramente declinante, passando de 51,8 milhões de toneladas para 49,1 milhões de toneladas (Quadro II).

No Brasil, o desenvolvimento da avicultura acompanhou a expansão

da produção de grãos, iniciado em larga escala a partir de meados da década de sessenta. Antes, a economia agrícola brasileira era caracterizada pelo predomínio do café e pela pouca importância que se dava ao projeto de se utilizar a imensa base territorial brasileira na produção de grãos. A produção de alimentos básicos, como milho, arroz, feijão (e o frango), era voltada para a subsistência, e realizada de forma rudimentar. Os poucos excedentes dirigidos ao mercado eram insuficientes para formar uma forte cadeia de "agribusiness" como ela é conhecida hoje.

Na realidade, durante muitos anos, a obsessão pela industrialização pura inibiu a diversificação e expansão das exportações agrícolas, aumentou mais ainda a dependência no café (e, em menor escala, no açúcar) para a geração de divisas e tolheu o desenvolvimento do agronegócio no país, ao contrário do que ocorreu em outros países com forte vocação agrícola, como a Austrália, Nova Zelândia, França e Estados Unidos.

O grande crescimento da produção de grãos (principalmente da soja) foi a força motriz no processo de transformação do "agribusiness" brasileiro e, portanto, da avicultura. Entre 1965 e 1999, a produção de grãos passou de 25 milhões de toneladas para 83 milhões de toneladas, um crescimento de 232%. O melhor desempenho ficou por conta da soja cuja produção em 1965 era praticamente inexistente, em 1970 atingiu mais de 5 milhões de toneladas, em 1980 passou para 15 milhões e em 1999, para 31 milhões. A produção de milho evoluiu de 12 milhões de toneladas em 1965

para 32 milhões em 1999 (166% de aumento).

Os efeitos dinâmicos da produção de grãos foram logo sentidos em toda a economia. Inicialmente, surgiu um imenso parque industrial para o esmagamento da soja e outros grãos para a extração do óleo e do farelo. A disponibilidade de grande quantidade de farelo de soja e milho para ração permitiu o desenvolvimento de uma moderna e sofisticada estrutura para a produção de aves e suínos, bem como a instalação de grandes frigoríficos para a sua industrialização.

A primeira experiência com avicultura industrial foi realizada em 1960, no Estado de Santa Catarina, pela empresa Sadia. Com base na bem sucedida experiência americana, essa empresa introduziu no Brasil o sistema de produção verticalizado.

Partindo do zero naquele ano, a produção avícola industrial brasileira evoluiu significativamente, atingindo 217 mil toneladas em 1970, 1,2 milhão em 1980, e 4,5 milhões em 1998. Ou seja, entre 1970 e 1998, cresceu mais de 20 vezes.

O consumo per capita cresceu mais de 1.000%, passando de 2,3 kg em 1970 para 23,4 kg em 1998. O consumo per capita das demais proteínas animais evoluiu mais lentamente. O de carne bovina passou de 12,1 kg para 29,6 (um incremento de 147%) e o de carne suína ficou praticamente estagnado, passando de 8,1 kg para 9,1 kg.

Vale notar a alta taxa de crescimento do consumo per capita de carne de frango na década de noventa (mais de 74%), grande parte devido à

Quadro II
Produção Mundial de Carnes

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Suína	65,8	67,2	68,9	70,0	71,9	75,8	79,3	80,8	83,6
Bovina	51,6	51,4	50,6	48,0	48,3	48,7	49,5	50,0	49,9
Frango	27,4	29,0	30,3	30,9	32,6	34,7	36,4	38,6	39,2
Total	144,8	147,6	149,8	148,9	152,8	159,2	165,2	169,4	172,7

Fonte: USDA.

estabilização da economia.

O Quadro III mostra a evolução do consumo per capita de proteína animal no Brasil entre 1970 e 1998.

Quadro III
Consumo de Proteína Animal no Brasil
(Em kg)

	Fran-go	Bovi-na	Suina
1970	2,3	12,1	8,1
1980	8,9	17,2	8,2
1990	13,4	12,5	7,0
1998	23,4	29,6	9,1

Fonte: Revista Nacional da Carne.

Além de ser a segunda proteína animal mais consumida no país, a carne de frango tornou-se um dos principais itens da balança comercial agrícola brasileira, como será visto mais adiante.

Apesar de, a partir de meados da década de setenta, a produção de aves ter acompanhado a expansão da produção de grãos em outras regiões do país, a Região Sul continua sendo a maior produtora, respondendo ainda por mais de 50% da produção de carne de frango (Quadro IV).

Entre 1990 e 1998 a produção brasileira passou de 2,36 milhões de toneladas para 4,50 milhões de toneladas (cerca de 90,7% de aumento). A Região Norte teve a produção estagnada e a Região Nordeste, depois de atingir 530

mil toneladas em 1995, declinou para 480 mil toneladas em 1998. Foram as duas regiões que tiveram as suas respectivas participações reduzidas. A da Re-

gião Norte caiu de 4,6% para 2,6% e a da Região Nordeste de 16,9% para 10,7%. A Região Centro-Oeste foi a que apresentou maior índice de crescimento (227%), e teve sua participação ampliada de 3,3% para 6,0%. A produção da Região Sul cresceu 116% e sua participação passou de 44,9% para 50,8%. O crescimento da produção da Região Sudeste foi igual ao da média nacional e sua participação continuou em 29,7%.

Com relação à produção de ovos brancos e vermelhos, a distribuição é bem diferente, com a Região Sudeste liderando de longe a produção nacional (Quadro V).

Quadro V
Produção Brasileira de Ovos
(Em milhões de caixas de trinta dúzias)

Reg.	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Norte	0,96	1,00	0,98	0,83	0,93	1,01	1,17	0,95	1,08
B	0,85	0,90	0,90	0,73	0,82	0,88	0,96	0,77	0,86
V	0,11	0,10	0,08	0,10	0,11	0,13	0,21	0,18	0,22
NE	6,03	5,97	5,67	5,09	6,08	7,06	6,72	5,26	5,86
B	5,30	5,10	4,79	4,28	4,97	5,61	5,30	4,29	4,83
V	0,73	0,87	0,88	0,81	1,11	1,45	1,42	0,97	1,03
SE	21,60	21,58	22,12	19,34	19,61	23,64	23,57	19,44	20,91
B	17,06	17,41	17,63	15,67	15,78	19,11	18,67	15,52	16,68
V	4,54	4,17	4,49	3,67	3,83	4,53	4,90	3,92	4,23
Sul	6,27	6,91	8,02	7,44	7,86	9,81	9,69	6,71	6,84
B	3,75	4,17	4,58	4,20	4,60	5,60	4,95	3,41	3,56
V	2,52	2,74	3,44	3,24	3,26	4,21	4,74	3,30	3,28
CO	2,50	2,47	2,60	2,42	2,92	3,16	3,09	2,61	2,90
B	1,88	1,85	1,94	2,01	2,10	2,50	2,27	1,97	2,14
V	0,62	0,62	0,66	0,41	0,82	0,66	0,82	0,64	0,76
Total	37,36	37,94	39,41	38,18	37,40	44,69	44,25	34,99	37,60
B	28,84	29,43	29,84	29,90	28,27	33,71	32,16	25,97	28,07
V	8,52	8,51	9,57	8,28	9,13	10,98	12,09	9,02	9,53

Fonte: Revista Aves e Ovos.
B=Ovos Brancos V=Ovos Vermelhos.

A produção brasileira de ovos atingiu, em 1998, 37,60 milhões de cai-

xiões. A Região Sudeste participou com 55,6% (contra 57,8% em 1990); a Região Sul com 18,2% (contra 16,78%, em 1990); a Região Centro-Oeste, com 7,7% (contra 6,6%, em 1990); o Nordeste com 15,5% (contra 16,1% em 1990) e a Região Norte, com 2,8% (contra 2,5%, em 1980).

A produção avícola industrial foi a primeira a aplicar em larga escala o sistema de integração vertical (a grande maioria por meio de contratos), o qual garante a produção dentro de padrões tecnológicos e de qualidade bem definidos (por meio do manejo supervi-

sionado e do controle no suprimento dos insumos) e a compra e distribuição do produto final. Essa se processa tanto através das grandes cadeias de supermercados como das pequenas lojas de conveniência, feiras e "tradings" voltadas para o comércio exterior.

Atualmente o Brasil é o terceiro maior produtor mundial, depois dos Estados Unidos e da China (Quadro VI a seguir).

Entre os maiores produtores, a China foi o país que apresentou maior taxa de crescimento na produção industrial entre 1990 e 1998, com cerca de 233%, seguida do Brasil, com 89%. Os EUA tiveram uma expansão de 49,3%.

Quadro IV
Produção Brasileira de Carne de Frango
(Em milhões de toneladas)

Reg.	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Norte	0,11	0,12	0,13	0,15	0,15	0,17	0,14	0,14	0,12
NE	0,40	0,43	0,47	0,44	0,49	0,53	0,50	0,50	0,48
SE	0,70	0,80	0,90	0,91	1,01	1,17	1,19	1,33	1,34
SUL	1,06	1,19	1,32	1,48	1,56	1,97	1,99	2,23	2,29
CO	0,08	0,10	0,11	0,16	0,19	0,21	0,23	0,26	0,27
Total	2,36	2,63	2,93	3,14	3,41	4,05	4,05	4,46	4,80

Fonte: Revista Aves e Ovos (vários números).

mil toneladas em 1995, declinou para 480 mil toneladas em 1998. Foram as duas regiões que tiveram as suas respectivas participações reduzidas. A da Re-

gião Norte caiu de 4,6% para 2,6% e a da Região Nordeste de 16,9% para 10,7%. A Região Centro-Oeste foi a que apresentou maior índice de crescimento (227%), e teve sua participação ampliada de 3,3% para 6,0%. A produção da Região Sul cresceu 116% e sua participação passou de 44,9% para 50,8%. O crescimento da produção da Região Sudeste foi igual ao da média nacional e sua participação continuou em 29,7%.

Quadro VI
Principais Produtores Mundiais de Carne de Frango
(Em milhões de toneladas)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
EUA	8,36	8,87	9,48	9,97	10,73	11,26	11,85	12,26	12,48
China	1,77	2,03	2,31	2,85	3,75	4,70	5,37	5,62	5,90
Brasil	2,36	2,63	2,87	3,14	3,41	4,05	4,05	4,46	4,48
França	0,96	0,99	1,02	1,04	1,07	1,09	1,18	1,21	1,24
Japão	1,33	1,30	1,25	1,25	1,14	1,17	1,13	1,12	1,10
Outros	12,65	13,21	13,38	12,73	12,50	12,48	12,87	13,90	13,96
Total	27,43	29,03	30,31	30,98	32,60	34,75	36,45	38,57	39,16

Fonte: USDA.

Os custos de produção do Brasil são os mais baixos do mundo. Estudo recente mostra a posição do país, com relação aos maiores produtores do mundo (Quadro VII).

Atualmente o complexo

agroindustrial da avicultura é constituído basicamente de três tipos de empresas: as empresas líderes, como a Sadia e Perdigão, as empresas emergentes e as pequenas empresas. O quadro VIII mostra as principais características das

empresas do setor.

A tendência é que as empresas líderes deixem de atuar diretamente na produção de aves e passem a atuar mais em "marketing", no desenvolvimento de produtos (dentro do conceito de marca

Quadro VII
Comparação de Custos de Produção
Percentual

Item	Brasil	França	China	EUA	Tailândia	Holanda
Pintainho	100,0	152,3	106,5	98,8	104,3	170,4
Ração	100,0	159,1	119,5	102,5	143,5	159,1
Abate	100,0	179,4	118,3	112,8	136,8	179,4
Total	100,0	185,7	109,0	109,0	124,7	191,2

Fonte: Schorr, H.

Quadro VIII
Posição das Empresas do CAI Avícola

	Líderes	Emergentes	Pequenas
Fatia Mercado	Mais de 7%	1 a 7%	Menos que 1%
Atuação	Nac./Internacional	Nac./Regional	Reg./Local
Pos. Compet.	Normal	Alta	Nichos
Produtos	M.Própria/Commod	M.Própria/Commod	Commodities
Faturamento	Alto	Médio	Pequeno
Lucro	Alto	Médio	Baixo
Price Control	Alto	Baixo	Nenhum
Foco	Industrialização	Abate/Distribuição	Produção/Abate
Estratégias	Diferenciação	Red. Custo/Volume	Custo
Tecnologia	Sofisticada	Alta	Alta/Média
Inv. Pesquisa	Alta	Média	Nenhum
Barr à Entrad.	Altas	Médias	Baixas
Integr. Vertic.	Em Queda	Alta	Alta
Marketing	Alto	Baixo	Nenhum
Tendência	Incorp/Crescimento	Fusão/Crescimento	Manutenção

Fonte: Baseado em Schorr, H.

própria) e na criação de novas tecnologias que serão repassadas para empresas "satélites".

2. O Mercado Internacional de Carne de Frango

O mercado internacional de carne de frango mudou significativamente nas últimas décadas. As principais mudanças estão relacionadas com a adoção em grande escala de tecnologia, tanto no terreno biológico como no econômico. Sem embargo, pode-se dizer que em termos mundiais, dentro do setor primário, o setor avícola foi o setor que mais se destacou em termos de absorver com rapidez as novas tecnologias e os novos sistemas integrados de produção e de transferi-los com eficiência (na forma de preços baixos e

de elevado padrão de qualidade) para os consumidores finais.

O reflexo disso foi o crescimento vertiginoso do consumo mundial de carne de frango, notadamente nos países em desenvolvimento. Entre 1990 e 1998, o total consumido passou de pouco mais de 27 milhões de toneladas para 38,1 milhões, um acréscimo de 41,1%, ou seja, mais de 11 milhões de toneladas (Quadro IX).

O maior consumidor do mundo são os Estados Unidos, cuja população em 1998 consumiu mais 10,3 milhões de toneladas. Em 1990, o consumo americano era de 7,8 milhões de toneladas, ou seja, 2,5 milhões de toneladas (24,2%) a menos. Nesse ano, o consumo per capita dos EUA era de 31,3 kg, o maior do mundo. Em 1998 foi o segundo maior do mundo, com 38,7 kg,

cerca de 23% a mais do que a de início da década (Quadro X).

Atualmente, o maior consumo per capita do mundo é o de Hong Kong, com 43,4 kg em 1998, cerca de 60,7% superior ao de 1990 (27,0 kg).

Nos países em desenvolvimento - como a China, Brasil, México e Argentina - o crescimento do consumo foi surpreendente e acompanhou o crescimento da renda per capita (ou da renda disponível), comprovando a elevada elasticidade renda da carne de frango (como das demais proteínas animais).

Na China, que com uma população de mais de 1,2 bilhão de pessoas é o segundo maior consumidor mundial, o consumo total passou de pouco menos de 1,8 milhão de toneladas em 1990 para mais de 6,2 milhões em 1998, um aumento de 244%. É importante notar

Quadro IX
Principais Consumidores Mundiais de Carne de Frango
(Em mil toneladas)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
EUA	7.832	8.288	8.776	9.100	9.385	9.445	9.809	10.168	10.364
China	1.749	2.060	2.343	2.929	3.896	5.002	5.668	5.950	6.240
Brasil	2.056	2.306	2.494	2.726	2.930	3.626	3.483	3.811	1.915
México	979	1.233	1.415	1.451	1.485	1.529	1.581	1.604	1.696
Japão	1.632	1.630	1.637	1.622	1.601	1.674	1.670	1.633	1.595
R. Unido	876	994	1.050	1.041	1.110	1.112	1.149	1.173	1.205
Espanha	817	851	850	817	855	862	885	894	897
Rússia	1.255	1.085	830	686	913	1.138	1.260	1.294	956
França	644	633	638	613	659	648	780	784	804
Outros	9.213	9.396	9.798	9.469	9.211	9.098	9.323	10.494	12.451
TOTAL	27.053	28.476	29.831	30.454	32.045	34.134	35.608	37.805	38.123

Fonte: USDA.

Quadro X
Consumo Per Capita Mundial de Carne de Frango
(Em mil toneladas)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
H. Kong	27,0	29,4	26,1	45,1	48,0	46,1	43,6	45,9	43,4
EUA	31,3	32,8	33,9	35,6	36,4	36,3	37,3	38,3	38,7
A. Saudita	27,2	29,1	29,8	32,3	31,5	32,1	32,3	36,3	35,4
Brasil	13,5	14,8	16,1	17,6	18,5	22,6	21,4	23,0	23,4
Israel	25,6	25,6	27,1	33,2	30,6	31,2	30,9	29,1	30,0
Austrália	22,0	22,0	23,2	23,6	24,9	24,6	24,6	25,8	27,9
Canadá	23,0	23,2	23,1	24,4	25,3	25,2	25,2	35,5	26,6
Argentina	9,4	13,0	18,4	20,1	21,1	20,5	19,7	22,7	23,7
Espanha	20,9	21,8	21,8	21,0	21,9	22,1	22,6	22,9	22,9
R. Unido	14,9	17,2	18,3	18,0	19,1	19,1	19,6	20,0	20,5
MÉDIA	21,5	22,9	23,8	27,1	27,7	28,0	27,7	30,0	29,3

Fonte: USDA.

que no mesmo período o PIB chinês cresceu em torno de 146% e a renda per capita, ao redor de 130%. O consumo per capita de carne de frango ainda é um dos menores do mundo, mas quase quadruplicou entre 1990 e 1998, saltando de 1,5 kg em 1990 para 5,1 kg em 1998.

O terceiro maior consumidor mundial é o Brasil, cujo consumo, no período mencionado, cresceu mais de 90% (passou de 2,05 milhões de toneladas para 3,9 milhões). Esse crescimento pode ser em grande parte em razão do aumento do poder aquisitivo das camadas mais pobres da população brasileira, após a estabilização da moeda em 1994 (entre esse ano e 1998 o consumo cresceu mais de 1,2 milhão de toneladas), pois o PIB cresceu apenas 22% e a renda per capita bem menos ainda. Entre 1990 e 1998, o consumo brasileiro per capita de carne de frango cresceu 73%, passando de 13,5 kg para 23,4 kg.

O México é o quarto maior consumidor mundial, com o consumo de aproximadamente 1,7 milhão em 1998, cerca de 73,75% superior ao de 1990 (979 mil toneladas). O consumo per capita do país cresceu quase 60% nesse período, passando de 7,9 kg para 12,6 kg.

Entre os países em desenvolvimento, a Argentina foi o país que apresentou a maior taxa de crescimento do consumo doméstico. Em 1990 o consumo argentino era de 301 mil toneladas. Em 1998, atingiu 849 mil toneladas, cerca de 182% a mais. O consumo

per capita, que no início da década era bem menor que o do Brasil, aumentou 152%, passando de 9,4 kg para 23,7 kg. Esses dados chamam a atenção porque mostram a crescente substituição da carne bovina pela carne de frango na Argentina que, junto com o Uruguai, tem o maior consumo per capita de carne bovina no mundo, cerca de 60 kg em 1998⁽³⁾. Em 1990, o consumo per capita era de 69 kg.

Nos países desenvolvidos a maior taxa de crescimento do consumo per capita ocorreu no Reino Unido, onde, entre 1990 e 1998, ela atingiu quase 38%, passando de 14,9 kg para 20,5kg.

Considerando-se os dez maiores consumidores de carne de frango, entre 1990 e 1998, o consumo per capita médio cresceu 36,3% entre 1990 e 1998.

Em resumo, pode-se dizer que em termos de estrutura de consumo, os países consumidores de carne de frango podem ser divididos em dois grupos: o dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento. O crescimento do consumo per capita do primeiro grupo foi em grande parte devido ao efeito-preço, já que, em função de vários fatores como eficiência, queda no custo dos insumos e a retirada de algumas restrições ao comércio após a Rodada Uruguai, os preços desse produto apresentaram uma queda bastante expressiva com relação às décadas anteriores. É caso típico do Reino Unido, onde, como foi visto, o consumo per capita aumentou 37% e dos Estados

Unidos, onde o consumo per capita subiu 23%.

No outro grupo, que inclui China, Brasil, Argentina, México e os países do Sudeste da Ásia, o aumento do consumo per capita foi consequência do desenvolvimento econômico (crescimento da renda per capita) ou de alguma mudança importante no contexto macroeconômico do país. No primeiro caso podem ser enquadrados a China e os países do sudeste da Ásia, que apresentaram até recentemente elevadas taxas de crescimento do PIB.

No segundo caso, podem ser enquadrados o Brasil e a Argentina que, após várias décadas de descontrole monetário, adotaram, com sucesso, políticas de estabilização, que trouxeram grandes benefícios para a população de menor poder aquisitivo, por meio da eliminação do imposto inflacionário.

O reflexo dessas mudanças no comércio internacional de carne de frango e dos insumos (estima-se grosso modo que mais de 50% do farelo de soja e mais de 40% do milho produzidos no mundo destinam-se à avicultura) foi imediato.

Entre 1990 e 1998 as exportações mundiais de carne de frango passaram de US\$ 3,7 bilhões para US\$ 8,6 bilhões, um crescimento US\$ 4,9 bilhões (132%). Atualmente é o 14º complexo exportador mundial. No complexo soja, o crescimento foi de 97% (Quadro XI)

Quadro XI
Exportações do Agribusiness Mundial: Principais Produtos
(Em US\$ bilhões)

PRODUTOS	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998(*)
Complexo Leite	19,6	20,3	23,7	22,7	23,1	27,8	27,6	26,4	27,2
Complexo Tabaco	18,3	19,5	21,6	19,6	21,5	22,3	25,8	25,6	26,1
Complexo Soja	13,0	13,2	14,2	14,5	14,9	16,1	20,5	24,1	25,7
Frutas(*)	14,1	16,0	16,2	15,6	18,1	20,4	21,6	21,7	22,0
Trigo	17,7	16,1	19,0	16,5	15,3	17,4	19,8	17,7	18,6
Carne Bovina	14,5	15,7	18,9	15,6	16,7	17,2	14,5	15,0	16,1
Açúcar	13,6	10,5	10,0	8,9	10,0	11,2	12,9	12,8	11,0
Milho	9,8	8,9	9,8	8,7	8,5	9,3	12,7	10,2	10,6
Carne Suína	11,6	12,0	13,0	11,3	13,2	15,0	17,0	15,5	15,3
Café	7,7	7,6	6,2	6,7	12,0	9,2	10,5	13,1	13,2
Algodão (em fibras)	8,4	7,8	7,5	5,9	8,4	10,8	10,1	9,1	9,0
Vinho	8,5	8,5	8,9	8,0	8,9	9,3	11,5	12,4	12,8
Complexo Cacau	8,3	8,2	8,9	9,2	10,9	12,6	13,6	12,8	12,2
Carne de Frango	3,7	4,1	4,7	5,0	5,1	7,3	8,5	8,1	8,6
Couros	6,7	5,2	5,4	5,1	6,5	7,1	7,6	7,4	7,8
Aroz	4,1	4,3	5,3	5,0	6,0	5,8	7,1	6,9	6,5
Óleo de Palma	2,5	2,8	3,2	3,5	5,2	7,1	5,7	6,6	6,3
Outros	144,0	148,3	163,4	157,1	183,6	216,6	216,4	216,9	212,0
TOTAL	326,1	329,0	357,9	338,9	387,9	442,5	463,7	462,3	461,0

FONTE: FAO/USDA

(*)Previsão

(1) Inclui: Bananas, maçãs, laranjas, uvas, passas, tangerinas, clementinas, peras, pêssegos, nectarinas, morangos, kiwis, grapefruits, melancias, mangas, abacaxis, abacates, cerejas, damascos, limões, limas, mamões e melões.

Atualizada em 05/03/99

(3) Nos EUA o consumo per capita foi de 44 kg e do Brasil foi de 38 kg.

Apesar de no início da década ter sido um dos segmentos do comércio exterior agrícola que mostrou maiores taxas de crescimento (tendo atingido 35,1% entre 1990 e 1994), foi, após a aprovação dos acordos da Rodada Uruguai em fins de 1993, que as vendas externas de carne de frango começaram realmente a apresentar maior dinamismo. Entre 1993 e 1998, cresceram 68,6% (passando de US\$ 5,0 bilhões para US\$ 8,6 bilhões), ou seja um acréscimo de US\$ 3,6 bilhões.

Ressalte-se que, desse total, as exportações brasileiras contribuíram com apenas US\$ 170,4 milhões, ou seja, 4,7%. Os Estados Unidos foram o país que mais tiraram vantagem do novo ciclo comercial, aumentando suas exportações do produto em US\$ 1,3 bilhão (passando de US\$ 1,3 bilhões em 1993 para US\$ 2,6 bilhões em 1998), contribuindo, portanto, com 36% do aumento.

Como resultado, os Estados Unidos tornaram-se, de longe os maiores exportadores de carne de frango. Vale dizer que até o início da década de noventa as exportações daquele país não eram muito superiores às dos seus principais competidores como a França. Nos últimos oito anos, todavia, elas cresceram mais de 1,6 milhões de toneladas, passando de 518 mil toneladas em 1990 para mais de 2,1 milhões em 1998 cerca de 310% de aumento. Com essa evolução os EUA, que em 1990 participaram com 22,7% das exportações mundiais, passaram a participar com 37,3%. Como será visto mais adiante, as exportações brasileiras cresceram 111% e a participação do Brasil caiu de 12,7% para 10,7% (Quadro XII).

O crescimento fenomenal das

exportações de frango americanas durante a década de noventa foi resultado de uma política agressiva de exportações, fruto da aliança estratégica entre os exportadores e o governo. Isso permitiu aos EUA tirar proveito da grande expansão da demanda mundial por proteínas animais (ocorrida em função do considerável aumento da renda per capita de alguns países) e da eliminação de algumas restrições ao comércio agrícola mundial promovida pelos acordos da Rodada Uruguai.

Embora esses acordos tenham sido tímidos em relação ao que poderia ser alcançado, seu impacto no comércio agrícola de alguns produtos excessivamente protegidos por vários tipos de barreiras, como lácteos, frutas e carne de frango foi marcante. No total, entre 1993 e 1998, foram adicionados mais de US\$ 123 bilhões ao comércio agrícola mundial (36,4% de aumento). O Brasil contribuiu com US\$ 5,4 bilhões, sendo a maior parte no complexo soja.

O segundo maior exportador é o Brasil que vendeu para outros países 612 mil toneladas em 1998, cerca de 28,8% das exportações dos EUA e, como foi visto, 10,7% das mundiais. Em 1990, o país exportou 290 mil toneladas, cerca de 56% das exportações americanas e 12,7% das mundiais. O que chama a atenção nesse declínio é que o setor avícola é talvez o setor mais dinâmico do "agribusiness" nacional, com evidente vantagem comparativa no mercado internacional. De qualquer forma, os fatores que podem ter contribuído para essa situação serão analisados mais

adiante.

A França é o terceiro exportador mundial, com exportações bastante estáveis no período analisado, principalmente após 1994. Entre esse ano e 1998, elas cresceram apenas 13%, passando de 480 mil toneladas para 612 mil toneladas. Essa estabilidade pode ser um efeito da nova estrutura de apoio interno adotada pela União Européia a partir de 1993.

Entre os grandes exportadores mundiais, os maiores índices de crescimento são observados na China e Hong Kong. As exportações da China, cresceram 336% entre 1990 e 1998 (passando de 86 mil toneladas para 375 mil toneladas) e as de Hong Kong 705% (passando de 72 mil toneladas para 580 mil toneladas). Por tratar-se de um entreposto que mantém um volume de transações comerciais muito grande com a China e o resto do sudeste da Ásia, notadamente na área de alimentos, é claro que grande parte das exportações de Hong Kong são reexportações, já que esta cidade foi a maior importadora mundial de carne de frango em 1998 (799 mil toneladas).

No caso da China, o fato do país estar na lista dos grandes importadores (importou 715 mil toneladas em 1998) e dos grandes exportadores (exportou 375 mil toneladas no mesmo ano) é mais difícil de se explicar, pois esse fenômeno não ocorre com os demais países. Entretanto, por tratar-se de um país com o comércio estatizado e com graves problemas de infra-estrutura, pode ser que o ciclo doméstico safra/entressafra existente na produção de grãos seja transferido para a produção avícola. De qualquer forma, o fato do país ter a maior população do mundo e as melhores taxas de desempenho da economia nas últimas duas décadas e, ainda assim, ser capaz de exportar carne de frango, ou seja, proteína animal, em grandes quantidades, é no mínimo surpreendente e, sem dúvida não consta do leque de previsões da maioria dos "experts" em China.

Na relação dos principais países importadores, Hong Kong por ser, como foi mencionado, um dos mais importantes entrepostos comerciais da

Quadro XII
Principais Exportadores de Carne de Frango
(Em mil toneladas)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
EUA	518	572	675	891	1.304	1.766	2.005	2.115	2.124
Brasil	290	307	368	509	480	424	568	649	612
França	358	401	429	475	480	547	551	531	543
China	86	93	132	145	177	288	312	405	375
H. Kong	72	94	104	178	285	435	544	557	580
Holanda	286	317	355	373	408	426	466	486	488
Tailândia	139	164	175	157	168	173	165	192	240
Outros	528	545	568	482	640	759	783	803	726
TOTAL	2.277	2.493	2.806	3.210	3.942	4.818	5.394	5.738	5.688

Fonte: USDA.

Ásia - está em primeiro lugar com 799 mil toneladas. Em 1990, essa cidade ocupava o quinto lugar, com 208 mil toneladas (Quadro XIII).

O Japão, em 1990, era o maior importador mundial de carne de frango

mundial em 1998 foi a Rússia. Em 1997, esse país chegou a ser o maior importador do mundo, com mais de 1,1 milhão de toneladas. Em 1990, importou 271 mil toneladas. Entre esse ano e 1998 o crescimento foi de 181%. Tal-

além cresceram 41,6% (passaram de 240 mil toneladas para 340 mil toneladas) e as do Reino Unido 76%, passando de 111 mil toneladas para 196 mil toneladas.

No Oriente Médio, o maior importador é a Arábia Saudita. Entre 1990 e 1998, as importações desse país cresceram 34,9%, de 209 mil toneladas para 282 mil toneladas.

Dos oito maiores importadores mundiais (com importações acima de 100 mil toneladas) o México é o menor, com 128 mil toneladas em 1998. Todavia, entre esse ano e 1990 foi o que apresentou a segunda maior taxa de crescimento (228%).

Quadro XIII
Principais Importadores de Carne de Frango
(Em mil toneladas)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Hong Kong	208	246	300	373	498	645	746	815	799
Rússia	271	107	45	146	475	800	983	1.105	762
China	65	123	165	224	323	590	610	740	715
Japão	291	347	406	390	444	536	547	496	495
Alemanha	240	281	292	281	296	326	350	343	340
A. Saudita	209	204	249	262	274	289	286	294	282
R. Unido	111	112	147	142	177	196	194	190	196
México	39	60	74	87	102	94	103	111	128
Outros	843	1.013	1.128	1.305	1.353	1.342	1.575	1.644	1.971
TOTAL	2.277	2.493	2.806	3.210	3.942	4.818	5.394	5.738	5.688

Fonte: USDA.

com 291 mil toneladas, cerca de 18,8% das importações mundiais. Em 1998, as importações japonesas aumentaram para 495 mil toneladas (70% de aumento), mas o país caiu para quarto lugar, com a participação caindo para 8,7%. O aumento nas importações reflete uma queda na produção interna já que no decorrer da década o consumo doméstico manteve-se em torno de 1,6 milhão de toneladas.

O segundo maior importador

vez como reflexo da instabilidade no quadro macroeconômico entre os grandes importadores mundiais as da Rússia são as mais instáveis. Em 1992, por exemplo, ela importou apenas 45 mil toneladas, passando para 145 mil no ano seguinte e para mais de 1,1 milhão em 1997.

Na Europa, os maiores importadores são a Alemanha e o Reino Unido. Entre 1990 e 1998, as importações

3. As Exportações Avícolas Brasileiras

As exportações brasileiras de carne de frango, em 1998, alcançaram cerca de US\$738,9 milhões, e representaram 30,8% das exportações de carnes e 4,3% das exportações agrícolas (Quadro XIV). Nesse ano foi o sétimo produto mais importante da pauta, depois do complexo soja, com US\$ 4,7 bilhões; do café, com US\$ 2,6 bilhões; do açúcar, com US\$ 2,0 bilhões; do suco de laranja, com US\$1,3 bilhão; da pasta de celulose, com US\$ 992 milhões e do fumo, com US\$ 939,7 milhões. Em 1990 representava 3,1% das exportações agrícolas.

As exportações de carne de

Quadro XIV
Exportações Agrícolas Brasileiras por Conjunto de Produtos
(Em US\$ milhões)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
1- Origem Animal	1.117,7	1.435,2	1.863,1	2.064,4	2.042,3	2.130,3	2.480,8	2.515,2	2.401,9
Carne de frango	324,0	386,9	455,6	568,5	609,4	636,7	840,0	875,8	738,9
Carne bovina	100,3	178,4	282,6	271,5	267,7	180,8	194,3	196,3	276,6
Carne suína	22,1	3,0	72,3	82,5	66,2	84,1	121,7	141,2	147,9
Carne bovina, em conserva	133,4	219,3	281,2	301,5	287,5	301,8	292,8	231,8	313,6
Outros	537,9	647,6	771,4	840,4	811,5	926,9	1032,0	1070,1	924,9
2-Origem Vegetal	3.393,9	3.245,6	3.342,2	3.440,9	5.145,9	5.135,5	4.578,9	6.992,5	6.271,0
3-Óleos vegetais	497,5	343,6	460,1	413,0	949,4	1.244,9	866,8	750,9	967,2
4- BEBIDAS e FUMO	5.287,8	4.783,8	5.619,5	5.822,4	6.621,2	7.834,7	8.855,1	8.587,2	7.465,5
5- TOTAL	10.296,9	9.808,2	11.284,9	11.740,7	14.758,8	16.345,4	16.781,6	18.845,8	17.105,6

Fonte: SECEX/MICT.

frango subiram 128% entre 1990 e 1998, passando de US\$ 324 milhões para US\$ 738,9 milhões. O recorde ocorreu em 1997, quando foram exportados US\$ 875,8 milhões. No período analisado, dentre as carnes, a carne suína, por ter partido de uma base muito pequena, foi a que apresentou maior índice de aumento (555%). Dessa forma, apesar desse desempenho, as exportações brasileiras de suínos em 1998 (US\$ 149,7 milhões), representaram menos de 1% das exportações mundiais (US\$ 15,3 bilhões). As exportações de carne bovina (processada e in natura) cresceram 152%, de US\$ 233,7 milhões para US\$ 590,2 milhões, cerca de 3,6% das exportações mundiais. As exportações de carne in natura cresceram 176%, passando de US\$ 100,3 milhões para US\$ US\$ 276,6 milhões.

Historicamente, o principal comprador da carne de frango brasileira é a Arábia Saudita, que em 1998 importou 167 mil toneladas, no valor de US\$ 171,9 milhões, cerca de 71,1% superior a 1990, quando foram exportadas 98,1 mil toneladas (Quadro XV). As importações da Arábia Saudita eram 33,7% das exportações de frango

do Brasil em 1990 (a totalidade em frango inteiro). Em 1998, caíram para 27,4%, sendo que 95% em frango inteiro. Nesse ano, as exportações brasileiras supriram 24,3% do consumo doméstico daquele país (em 1990 supria 22,2%).

O segundo maior importador é o Japão, cujas importações em 1998 totalizaram 73,3 mil toneladas (no valor de US\$125,5 milhões), cerca de 91,9% superior às exportações de 1990. Em 1990, a totalidade das exportações para o Japão era de corte de frango e representavam 13,1% das exportações do Brasil.

Em 1998 a participação caiu para 12%, sendo 95% constituída de cortes de frango. Nesse ano as exportações brasileiras supriram 4,6% do consumo interno japonês, contra 2,3% em 1990.

As importações de Hong Kong, que em 1990 representavam apenas 4,3% das exportações brasileiras (a totalidade em cortes), em 1998 chegaram a 12%, com 72,3 mil toneladas (91,9% superior a 1990), praticamente o mesmo nível do Japão, sendo que 96,1% na forma de cortes de frango. O

consumo doméstico de Hong Kong, em 1998, foi estimado em 284 mil toneladas e as exportações brasileiras contribuíram com 25,5% desse consumo.

Nas vendas externas do Brasil, o melhor desempenho na década foi com a Argentina, que, em 1998, foi o quarto importador mundial do produto brasileiro. Em 1990, esse país não importava carne de frango do Brasil. Em 1998 importou quase 70 mil toneladas, sendo 89,6%, de frango inteiro, no valor de US\$ 64,3 milhões de dólares. Dado o consumo argentino de 849 mil toneladas (em 1990 era de 301 mil toneladas), isso significa que o Brasil está suprimindo 8,2% do consumo interno argentino.

Em seguida, vêm países como os Emirados Árabes, Cingapura, Kuwait, Espanha, Rússia e Alemanha, que, juntos, importaram 102,5 mil toneladas em 1998, cerca de 16,7% do total. Em termos de blocos ou continentes, os principais países importadores do Oriente Médio em 1998 participaram com 236,6 mil toneladas (38,6% do total), os da Ásia com 163 mil toneladas (26,6%), os da Europa com 56,9 mil toneladas (9,3%), a América do Sul (Argentina)

Quadro XV

Exportações Brasileiras de Carne de Frango
(por destino)
(Em mil toneladas)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
A. Saudita	98,1	125,9	124,9	180,7	158,1	299,4	159,7	185,2	167,9
Japão	38,2	94,9	156,4	225,5	82,0	96,2	118,8	93,7	73,3
H. Kong	12,6	18,7	22,5	29,1	39,0	39,0	55,1	72,5	72,4
Argentina	-	2,1	19,0	49,8	49,9	19,0	27,6	45,5	61,9
E. Árabes	13,6	19,4	14,5	19,1	17,7	9,8	18,2	28,6	25,1
Singapura	-	2,6	2,1	3,2	7,2	9,9	21,1	20,6	20,9
Kwait	6,8	4,9	12,8	-	17,4	17,9	25,0	28,0	20,1
Espanha	-	3,9	4,4	8,6	12,9	11,2	15,4	19,3	20,3
Rússia	-	-	-	-	-	-	14,1	33,3	16,1
Alemanha	26,0	7,8	23,5	11,8	13,1	9,4	22,2	20,0	16,0
Outros	95,4	27,0	-18,4	-63,8	83,6	-87,6	91,6	102,6	118,5
TOTAL	290,7	307,2	361,7	464,0	480,9	424,2	568,8	649,3	612,5

Fonte: USDA

com 55,5 mil toneladas (9,1%) e a Rússia com 16,1 mil toneladas (2,6%).

Com relação às características da carne de frango exportadas, em 1990, das exportações totais de US\$ 324 milhões, cerca de 64,1% (US\$ 207,8 milhões) eram constituídas de frango em partes. Em 1998, essa participação caiu para 48,1%, em função do aumento das exportações para o bloco dos países em desenvolvimento (Quadro XVI).

brasileiras mostrou-se bastante estável, com ligeira tendência crescente até 1994 (entre 1990 e 1994 cresceram 10,4%). O salto ocorreu em 1995, quando subiram quase 20%. Essa elevação, que perdurou em 1996, foi conseqüência, principalmente, da elevação nos preços das "commodities" em geral que ocorreram no período, embora entre 1994 e 1995 a participação do frango em pedaços tenha crescido de 51% para 60%, man-

exportações avícolas brasileiras é necessário analisar a estrutura do consumo mundial, constituída como foi visto do bloco dos países desenvolvidos e do bloco de países em desenvolvimento, e verificar o comportamento dos diversos fatores que afetam o consumo em cada bloco.

Nos países em desenvolvimento, o fator determinante para crescimento do consumo per capita foi o efeito preço. A queda dos preços nesses países foi causada por ganhos de produtividade e redução nos preços das matérias primas verificados nas últimas décadas e pela redução de algumas políticas protecionistas após os acordos da OMC, principalmente na União Européia (UE). Em futuro próximo é pouco provável que ainda ocorra expansão do consumo per capita de carne de frango na atual estrutura de consumo que resultou dos acordos da OMC. Reduções significativas nos preços na UE (e conseqüente aumento no consumo), aparentemente só deverão ocorrer em função de algum choque competitivo, por meio da eliminação de diversas formas de apoio doméstico que ainda existem ou por uma liberação maior das importações.

No Japão também ainda existe espaço para aumento do consumo via redução de preços, pois o consumo per

Quadro XVI
Valor das Exportações Brasileiras de Carne de Frango
(por tipo de carne)
(Em US\$ 1.000)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Inteiro	116,2	146,1	172,3	244,5	290,0	252,1	368,3	450,6	383,8
Pedaços	207,8	240,8	283,3	324,0	313,2	377,3	471,7	425,6	355,1
Total	324,0	386,9	455,6	568,5	603,2	629,4	840,0	875,9	738,9
US\$/T	1.117	1.259	1.260	1.225	1.233	1.477	1.477	1.355	1.206

Fonte: USDA

Em 1998, o valor médio da carne exportada em pedaços superou em cerca de 36,65% o do frango inteiro. Assim, o preço médio de exportação do frango em pedaços foi US\$ 1436,00 a tonelada, enquanto do frango inteiro, de US\$ 1051,00 a tonelada. Essa relação, contudo, não é constante. Em 1995, por exemplo, o preço de frango em partes superou em 65% o do frango inteiro. Em 1996 foi 37% e em 1997, 27%.

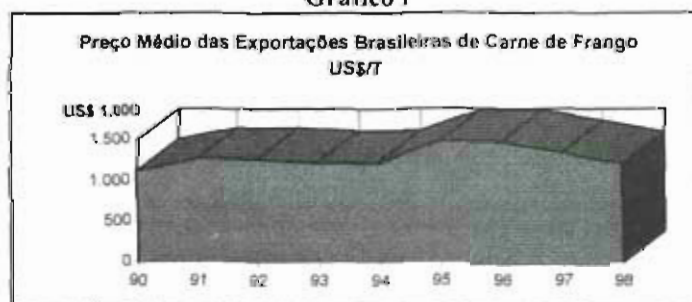
Do total de frango exportado em pedaços em 1998, (US\$ 355,1 milhões de dólares) cerca de 84,1% foram destinados aos países desenvolvidos da Ásia e da Europa. Do total de frango inteiro (US\$ 383,8 milhões), perto de 83,7% (US\$ 320,9 milhões) destinaram-se à Rússia e ao países em desenvolvimento da América Latina e do Oriente Médio.

O valor médio das exportações

tendo-se até 1996 (Gráfico 1, abaixo).

A queda das cotações, a partir de 1997, é a conjugação da queda na parti-

Gráfico 1



Fonte: SECEX.

cipação do frango em cortes de 60% para 48% e da redução nos preços das commodities, em virtude principalmente da crise asiática.

4. Perspectivas das Exportações Avícolas

Para se avaliar as perspectivas das

capita do Japão é apenas 12 kg (54% da brasileira), embora em formato um pouco diferente da UE, porque o Japão já importa carne de frango em alta escala, principalmente dos EUA. A entrada do produto ainda está sujeita a várias regras restritivas que, juntas com algumas medidas de apoio à produção

interna, impedem reduções maiores nos preços e, portanto, aumentos mais significativos no consumo per capita. Uma expansão significativa das exportações no curto prazo para o Japão é possível mediante uma agressiva política de vendas, pois trata-se de um mercado bem mais aberto de que o da UE.

De uma maneira geral, o acesso ao mercado dos países desenvolvidos (e portanto, a expansão das exportações) vai depender crucialmente da eliminação, principalmente na UE, das fortes barreiras que ainda existem à entrada do produto brasileiro e na redução, ou mesmo eliminação, dos subsídios concedidos à produção doméstica. Nos países da União Européia, por exemplo, o peito de frango brasileiro é taxado em US\$ 1.700,00 a tonelada, correspondendo a 70% do imposto "ad valorem".

Nos EUA, em virtude de diversas políticas de apoio interno, os exportadores estão vendendo a carne de frango com o preço médio de US\$ 600,00 a tonelada, que, como foi visto, está bem acima do preço médio brasileiro (US\$ 1200,00). A vantagem do Brasil é a qualidade do frango, bem superior à americana, decorrendo daí a preferência de alguns mercados consumidores pelo frango brasileiro.

No curto prazo, o recente problema com dioxina pode levar a UE a aumentar suas importações e, com isso, favorecer a posição brasileira.

Nos países em desenvolvimento, o fator crucial é o desempenho das economias, juntamente com maior agressividade na política de vendas.

Como se sabe, depois de crescer

mais de 10% em 1997, devido à contração das economias da Ásia, o volume do comércio mundial cresceu apenas 3,5% em 1998. O PIB mundial cresceu 2%. A UE, que é o maior bloco comercial do mundo, foi a única região onde não ocorreu desaceleração de crescimento em 1998, comparado com 1997. Nesse ano, as importações dessa região cresceram 7,5%, sendo que as importações dos EUA e das economias em transição cresceram mais de 10%. As importações da Ásia, por outro lado, caíram quase 8,5%.

A expectativa é que em 1999 a economia mundial cresça no mínimo 2%, puxada principalmente pela economia americana e pela recuperação dos tigres asiáticos. Com isso, deverá haver elevação nas importações da região asiática, devido também à perspectiva de maior participação da China (que até o momento só foi atingida marginalmente pela crise) na importação de alimentos, inclusive carne de frango. A grande questão sobre a China é estimar o volume, pois trata-se de um país de comportamento muito imprevisível, principalmente no comércio exterior, que é totalmente controlado pelo estado. Dessa forma, sem desprezar a importância dos mecanismos comerciais ortodoxos de penetração e expansão de mercados, na China as negociações bilaterais (governo a governo) continuam cruciais.

Outro país que tem aumentado consideravelmente as importações é a Rússia, mas devido à fase crítica que atravessa, é um mercado muito sensível e arriscado. Todavia, os EUA estão exportando, em várias modalidades de financiamentos, grande quantidade de

alimentos, incluindo carne de frango. O Brasil poderia retomar a estratégia de fazer trocas diretas ("barter trading").

Na Argentina, a eliminação da recente controvérsia ligada à tentativa de restrição às exportações brasileiras facilita o caminho para a manutenção do ritmo de crescimento dos anos anteriores.

Mais recentemente, o Irã reiniciou as importações de frango brasileiro e o Canadá suspendeu as barreiras sanitárias contra esse produto, estabelecendo a quota inicial de 20.000 toneladas de peito de frango, cujo preço médio é de US\$ 3.000,00 a tonelada.

Dessa forma, a recuperação das economias da Ásia, a solução da pendência com a Argentina, a perspectiva de uma penetração maior no mercado japonês e chinês, a crise da dioxina na Europa conjugada com a medida interna de mudança na política cambial, permitem traçar uma perspectiva de curto prazo bastante favorável às exportações brasileiras de frango, que podem chegar a mais de US\$ 1 bilhão em 1999 (no primeiro semestre deste ano foi um dos itens que apresentou melhor desempenho na balança comercial com US\$ 421 bilhões, cerca de 23% de aumento com relação a 1998).

No longo prazo, a expansão em larga escala vai depender da parceria entre governo e iniciativa privada no sentido de montar uma política agressiva de exportação no setor, da redução do custo Brasil (principalmente na área de infra-estrutura para transporte de grãos) e dos resultados das próximas negociações da OMC.

Bibliografia

1. Fernandes, Ailton Barcelos "Macrotendências Econômicas, Sociais e Ambientais para os Países do Mercosul", Revista de Política Agrícola, ano VII # 4.
2. Contini, Elisio, "Tendências Recentes no Consumo de Alimentos Processados no Brasil", Revista de Política Agrícola, ano VII # 3.
3. Schorr, Hélio "Modelo Empresarial do Futuro", trabalho apresentado no Simpósio Perspectivas para a Indústria Avícola Brasileira, ITAL, Campinas, agosto de 1999.
5. Revista Aves e Ovos, diversos números.
6. Anualpec 99